

ISABEL ALLENDE – UM CONTO PARA CONTAR**Ana Paula Such¹****RESUMO**

O real e o irreal fundem-se. O conto desperta na Hispano-América marcante, particular, insólito, é isso que diferencia o conto hispano-americano do resto do mundo. O Realismo Mágico vem ao encontro dos autores engajados politicamente e ávidos por denunciarem o alto nível de degradação política e cultural, usado como artifício, mascarando a realidade censurada, torturada e marcada pela ditadura militar. Isabel Allende é uma dessas autoras engajadas que imprime sua marca na literatura chilena com suas obras, tendo como pano de fundo a ditadura militar, um período de horror, de incerteza que marcou o corpo, a alma e as lembranças de inúmeras pessoas que ainda sofrem com esse pesadelo que insiste em persegui-las.

Palavras-chave: literatura, hispano-americana, Isabel Allende

1 ISABEL ALLENDE

Escritora chilena que na última década experimentou uma grande ascensão na literatura latino-americana.

Tomas Allende Pesce de Bilbaire, primo-irmão de Salvador Allende, de origem francesa por parte materna, foi um intelectual e boêmio, caracterizado por seu senso de humor e inteligência perspicaz. Ele e Francisca Llona Bardos, conhecida com o apelido de Panchita, conheceram-se numa tertúlia juvenil, para aficionados pelas letras, surgida em Santiago para debater as obras dos principais autores europeus da época, como James Joyce, Virginia Woolf e Franz Kafka. Pouco tempo depois casaram-se sem o consentimento de don Agustín Llona, pai da noiva. Durante o ano de 1942, os noivos viveram em Lima (Peru), pois Tomás trabalhava como secretário da embaixada chilena. Ali nasceram Francisco, Juan e Isabel.

A família Allende separou-se em 1945 porque a mãe decidiu voltar às raízes para fugir do abandono e do desamor de seu marido, que desapareceu misteriosamente, fato que aparentemente tem relação com os rumores de um escândalo entre funcionários

¹ Especialista, professora de Literatura Portuguesa na FAFIUUV.

diplomáticos de alto escalão. Devido a este momento difícil, mãe e filha construíram uma relação insubstituível que com o passar dos anos viria a aumentar ainda mais sua intensidade. O avô dos pequenos, don Agustín, ocupou a posição de pai. Panchita, por sua vez, seguiu com a marca de um estigma social, imperdoável para a época: o divórcio, segundo Allende (2006).

Tempo depois, Panchita uniria-se ao também diplomata Ramón Huidoro, amigo íntimo de Salvador Allende, feito que estreitaria ainda mais a relação entre Salvador e sua sobrinha. Esta relação também foi mal vista pela sociedade já que ele era um homem casado, pai de quatro filhos e sobrinho de um bispo. A profissão de Ramón permitiu que Panchita e seus filhos viajassem através da geografia mundial. Viveram na Bolívia e em Beirute, onde Isabel estudou em colégios particulares norte-americanos e britânicos, conforme Allende (2006).

Em 1958, contando 16 anos, Isabel volta ao Chile, raiz da crise do canal de Suez, para terminar seus estudos secundários. Nessa época conhece quem seria seu primeiro marido, Miguel Frias, que então era estudante de engenharia. No ano seguinte Isabel começa a trabalhar para a FAO (Food and Agriculture Organization) no Departamento de Informação das Nações Unidas na cidade de Santiago; desempenharia esta tarefa durante seis anos e ela a conduziria a trabalhar na televisão, conforme afirma Allende (2007).

Em 1962, Isabel e Miguel casam-se e um ano após nasce sua primeira filha, Paula. Durante os dois anos seguintes a recém-formada família viaja pela Europa, vivendo em Bruxelas e na Suíça. Em 1966 regressam ao Chile e nasce o segundo filho do casal, Nicolas.

Entre os anos de 1967 e 1974, Isabel e Miguel colaboram com a revista feminina “Paula”, na qual participam da primeira equipe editorial. Durante 1973 e 1974, em Santiago, colaboram com a revista infantil “Mampato”, a qual dirigiram durante um breve período de tempo. Também nessa época Isabel publica dois contos infantis para a coleção “Zapatito Rojo”, “La Abuela Pancha” e “Laucha y Lauchones, Ratas y Ratones”; e uma re-compilação de artigos humorísticos escritos anteriormente em sua

coluna de “Paula”, e outros de temática feminista e anti-machista, exaltando a liberação da mulher.

Em 1970, Salvador Allende é eleito o primeiro presidente socialista do Chile e como conseqüência o padraço de Isabel, Ramón Huidoro, é nomeado embaixador na Argentina. Deste ano até 1975, Isabel passa a trabalhar nos canais 13 e 7 de televisão de Santiago, nos quais tem um programa de humor e outro de entrevistas, e graças a eles consegue alcançar grande popularidade entre o público.

Em 11 de setembro de 1973, eclode o golpe de estado encabeçado pelo general Augusto Pinochet Ugarte sob os olhos atentos da CIA, devido a Pinochet ter sido treinado sobre as artes ditatoriais na Escola das Américas, situada na costa leste americana. A conseqüência direta desse ataque à democracia é a morte do presidente Allende e um número impreciso de desaparecidos, que eram contrários ao regime autoritário. Durante os primeiros dias do golpe militar o Estado Nacional transforma-se numa prisão e cenário onde ocorrem torturas e assassinatos. O desaparecimento de centenas de pessoas ficou conhecido como a “caravana da morte”. A respeito da deposição de Salvador Allende, que se deu no Palácio da Moeda, a versão dada pelo governo militar era que seu desaparecimento era fruto de um suicídio. Outras versões, com certeza as reais, afirmam que foi assassinado, segundo “O Leme” (2007).

Dois anos depois, Isabel e sua família mudam-se para a Venezuela, país em que permaneceriam durante um período de treze anos devido a ameaças e perseguições da ditadura militar chilena; exilam-se buscando asilo político em embaixadas para esconder-se ou fugir do Chile, onde o nome Allende era um estigma, no atual Chile de Pinochet. Nesse momento, quando passa a viver na Venezuela, Isabel dá-se conta do que significava ser uma Allende e sobrinha de Salvador.

Em 1978 separa-se temporariamente de Miguel Frias. Vai morar na Espanha impulsionada pela flamejante paixão que sente por um músico argentino. Porém a relação não teve futuro algum, já que Isabel permaneceu somente dois meses na Península Ibérica. Depois desta curta paixão, volta a Caracas, onde trabalha por dois anos como administradora no Colégio Marrocos. Seus filhos, Paula e Nicolas, mostram-

se distantes com ela devido a sua ausência, mas com o tempo e com uma grande dose de carinho materno, a incômoda situação iria desaparecendo.

Em 1981, após saber que seu avô, Augustin Llona Cuevas, de 99 anos, está morrendo, começa a escrever-lhe uma carta que se transformaria no manuscrito de “La Casa de los Espíritus”. Não consegue a publicação da obra na Venezuela, logrando êxito somente em Barcelona.

A partir desse ano consolida-se a carreira de escritora, reconhecida por diversos prêmios recebidos. Sua obra é marcada pela ditadura no Chile, implantada com o golpe militar que em 1973 derrubou o governo Allende, segundo Wikipédia (2007).

Na melhor tradição da narrativa hispano-americana, Isabel Allende registra a vulcânica situação política, sejam vulcões adormecidos ou em erupção. Não falta nenhum sintoma da enfermidade crônica: ditaduras e ditadores, torturadores e torturados, manifestações de estudantes e operários, e também numa ocasião, de prostitutas, que causou uma autêntica revolta nacional, ações da guerrilha que atua nas montanhas ou nas matas, e cujas filas são alimentadas por jovens idealistas que terminam por serem massacrados.

Nessas condições cria a personagem Eva Luna. Uma mulher forte, decidida, que enfrenta o mundo masculino e com a docilidade feminina acaba dominando esse mundo machista. Eva Luna pode ser considerada como o alter-ego de Isabel. A seguir conheceremos um pouco mais sobre essa personagem criada na obra que leva seu próprio nome, “Eva Luna”, e num segundo momento aparece como narradora de contos na obra “Cuentos de Eva Luna”.

1.1 EVA LUNA

Seu nome, em si mesmo, é a essência do que é sua pessoa. Eva significa vida, e isso é o que lhe resta; seu mundo interior é tão imenso, que inclusive é capaz de inventar histórias para distrair as pessoas. Luna, seu sobrenome, transforma-se em luna (lua),

essa visão noturna, magnífica e sugestiva; a lua simboliza a feminilidade e o feminismo, e ao ter este sobrenome, a pessoa adota essas qualidades.

Conforme Allende (2007), a autora ao unir nome e sobrenome, forma-se Eva Luna, uma moça com um intenso desejo de vida e com um arraigada ânsia de lutar por seus direitos de mulher, que não se deixa amedrontar por nada nem por ninguém. Desde tenra idade já percebe que a vida é uma contínua luta, por menor ou mais insignificante que pareça.

Desde pequena, ouvindo sua mãe contar-lhe histórias, Eva cresce com um talento e uma sensibilidade à flor da pele que a fazem capaz de contar histórias e contos que emocionam até a pessoa mais insensível. Tem uma aura de bondade e de ternura que conquista.

Segundo Allende (2006), a própria autora afirma que sua personagem, Eva Luna, é uma narradora de contos, uma Sherazade latina, o que a faz viver e ver a vida com certos ideais, lutando contra a repressão a sua maneira. Suas origens (um pai da tribo dos filhos da lua e uma mãe criada na selva por missionários) fizeram-na perceber as coisas de forma distinta do restante das pessoas, e ela mostra este seu jeito peculiar nas histórias que conta. O fato de saber contar histórias a converte num ser assombroso ante os olhos dos homens, e este mesmo assombro transforma-se em respeito, já que sabe fazer algo que só se consegue com sensibilidade, e os homens, ao carecerem dela, invejam e deixam-se perder nas teias de quem a possui.

Eva é antes de tudo uma mulher que se faz por si mesma, que luta por seus ideais e cresce ante às dificuldades, vai em frente quando tudo parece perdido, não se dá por vencida, pensa em tempos melhores e luta para que eles venham a concretizar-se. Neste período de ditadura militar no qual Eva está inserida, apesar de toda uma esfera machista e de opressão, a mulher da classe média vai chegando aos poucos à universidade, vencendo a oposição dos pais, até mesmo do noivo ou namorado. Enfrenta, ainda, a barreira do preconceito social que mantém a imagem da mulher restrita a ser dona-de-casa e esposa, exercendo a postura submissa frente ao marido. Naturalmente, as mulheres foram em busca de cursos socialmente reconhecidos como “cursos para as mulheres”. Como exemplo, citamos o curso de Filosofia, que

proporcionava à mulher ingressar no magistério de ginásio, do clássico ou científico. A grande maioria das moças de classe média permaneciam como “professoras primárias”, na idéia de continuar praticando o papel da maternidade no “segundo lar”, a escola. Outras, que não conseguiram a oportunidade de estudar, buscaram garantir o trabalho fora de casa, reduzindo a submissão ao marido. Talvez nem todas conseguiram a autonomia almejada, pois embora tivessem renda, precisavam justificar: “era para ajudar o marido”, deixando clara a desigualdade, pois além de ganhar pouco, ainda eram incompreendidas, uma vez que precisavam justificar o “trabalho fora de casa”. Assim, nem sempre a preocupação estava centrada no desenvolvimento profissional. De qualquer forma, o cotidiano tornou-se mais sacrificado do que o do próprio homem, pois mesmo com o trabalho fora de casa, ainda permaneciam com a responsabilidade das tarefas do lar. Neste contexto, novos hábitos foram sendo adquiridos e proporcionando uma diferente visão de família, em relação ao papel da mulher e ao do homem. Assim Eva é uma dessas mulheres que não têm medo de enfrentar a situação para encontrar e conquistar seu espaço por direito, sem jamais perder a feminilidade, ternura e principalmente a coragem, conforme aponta Allende (2006).

Na cama com seu amante, Eva Luna é requisitada por ele para que lhe conte um conto “que jamais tenha contado antes”. A improvisada Sherazade não conta uma, mas 23 vidas, completando todo o registro de sentimentos possíveis na alma humana. Personagens muito próximas da realidade latino-americana enfocando, essencialmente, a mulher e sua luta silenciosa. É o protótipo matriarcal que impulsiona a vida, que conecta todos os fios invisíveis na tela chamada existência. Eva é a mulher que tem sempre pronto um conto para seu rei. Com Eva “(...) a obra de arte procura dizer o real (ainda que subjetivo), como o real procura se dizer através da obra: cada uma diz o seu outro e se diz no outro (como faz todo elemento alegórico).” (KOTHE, 1986, p.14) Na protagonista desperta uma especial atração pelos relatos e pelas histórias de todo o tipo, e quando aprende a ler e escrever, uma clara vocação de escritora aflora, de maneira que se pode apreciar um reflexo de sua autobiografia. Se estabelecemos uma distinção convencional entre a narradora-autora (Isabel Allende) e a narradora-fictícia (Eva Luna) teremos que admitir que a primeira não só descobre sua psicologia e filosofia de vida através de sua personagem, como também esta é, protótipo de sua vocação. A seguir

teremos um breve comentário sobre a abordagem da obra *Cuentos de Eva Luna*, narradora-fictiva que se coloca entre Isabel Allende e o leitor.

1.2 CONTOS DE EVA LUNA

Os contrastes entre os temas de que se trata nos “*Cuentos de Eva Luna*” são muito extremos, mesmo que no fundo sempre esteja a temática do amor, apesar de que o amor que se conta aqui esteja como classe de sentimentos que não pode ser bom, que é desprezado pela sociedade, por ser impossível de se levar a cabo ou por ser impossível de realizar por causa da sociedade. São amores que manipulam a vontade das pessoas que os possuem, que pode levar tanto à loucura como ao assassinato.

O amor apesar de ser perigoso também proporciona alegrias, já que nunca ninguém é tão feliz como quando está apaixonado. Os apaixonados estão envolvidos num manto de irrealidade e fantasia, o que os faz imunes à realidade, mas não à dor.

A ditadura militar está presente como pano de fundo já que todos lutam para derrotá-la. Pensam que com a democracia tudo será melhor, já que o regime está massacrando o país e sua gente. Há guerrilhas nas montanhas que tentam sabotar os militares, e pouco a pouco vão conseguindo. Eva luta por ela, já que pensa que se libertarem-se desse regime opressor, a igualdade entre os homens e mulheres acontecerá, porém acaba por dar-se conta de que mesmo com a democracia a sociedade sempre fará distinções entre os sexos, principalmente na sociedade chilena, machista por tradição.

Todas as histórias são contadas por Eva Luna, com exceção de “*Walimai*” que é narrada por seu pai. Eva conta relatos de maneira pura, descrevendo os detalhes que têm uma grande importância, já que às vezes os contos apenas insinuam e é graças aos pormenores significativos que se entende uma história.

O realismo mágico está presente neste livro, por isso não é de se estranhar que tudo possa acontecer sem que pareça estranho. Ele manifesta-se em detalhes concretos e pequenos, ou ao contrário, em episódios de duração mais ou menos prolongada.

A seguir teremos a análise de dois contos, escolhidos aleatoriamente, sob a ótica do Realismo Mágico como uma maneira de burlar a ditadura militar e ao mesmo tempo denunciá-lo.

1.3 “CLARISSA” E “LO MÁS OLVIDADO DEL OLVIDO”

Esses dois contos, escolhidos ao acaso, servirão de suporte ao que nos propusemos a analisar, a questão do realismo mágico como uma forma de burlar a censura instaurada pelo regime ditatorial e ao mesmo tempo de denunciar todas as atrocidades, mandos e desmandos. A mão forte que tudo pode e tudo comanda veremos em “Clarissa”, já em “Lo más olvidado del olvido” veremos como as feridas ainda não cicatrizadas ainda sangram e machucam, desencadeando um processo de martírio, em que sentimentos são sufocados e nem o amor consegue se fazer por conta das torturas sofridas.

1.4 “CLARISSA”

É a história de Clarissa contada por Eva Luna. Clarissa é uma mulher muito devota e lutadora, que sempre perseguiu seus desejos até concretizá-los; neste caso, buscar maneiras de ajudar aos outros, apesar de que sua própria realidade não era muito diferente, já que “[...]resultaba difícil encontrar pobres más pobres que ella” (ALLENDE, 2001, p....). O aspecto narrativo do conto permite entrever este e outros problemas que vivem a protagonista e as personagens que vivem ao seu redor, tais como a relação que mantinha com o marido, que vivia fechado num quarto separado e a única comunicação que mantinha era por meio de batidas na porta. Seu casamento foi produto da conformidade e da imposição de seus pais, nunca houve uma relação de amor. A submissão do marido era apenas uma amostra do pouco amor que sentia por seus filhos anormais.

Ver como Clarissa reagia diante dessa situação durante tantos anos é uma amostra da fortaleza que possuía e a covardia do marido ao não encarar sua realidade.

Outras virtudes importantes são vistas quando, uma noite, Clarissa é abordada por um ladrão em sua própria casa; ela, muito tranqüilamente, enfrenta o assaltante com uma valentia admirável ao dizer-lhe: "*No, esto no es un robo. Yo no te voy a dejar que cometas un pecado. Te voy a dar algo de dinero por mi voluntad. No me lo estás quitando, te lo estoy dando, ¿está claro?*" (*ibid*, p....) e em seguida o convida para tomar um chá, e para que lhe conte o porquê de sua atitude. Destacando seu ímpeto, seu caráter forte e decidido, é a descrição de como: "*conseguía de los jesuitas becas para niños ateos, de la Acción de Damas Católicas ropa usada para las prostitutas de su barrio, del Instituto Alemán instrumentos de música para un coro hebreo, de los dueños de viñas fondos para los alcohólicos*" (*ibid.*, p....). Esta ajuda, assim como também outra, foi produto de sua amizade com o deputado Diego Cienfuegos, e com o passar do tempo, estas duas personagens encontram o que necessitam um no outro, e foi assim que os dois filhos menores de Clarissa foram fruto dessa paixão.

Clarissa nunca adaptou-se às mudanças trazidas com o passar do tempo, assim quando chegou o Papa em visita e os homossexuais saíram ao seu encontro trajados com hábitos de freiras, Clarissa soube, quando viu isso, que seu fim estava mais próximo, ou melhor, ela assim decidiu, e anunciou a todos que estivessem preparados.

Eva, sempre a seu lado, acompanhou-a em seus últimos dias, dando-lhe valor para enfrentar sua última prova e obsequiando-se de todo seu sentimento. Seu marido nem sequer pôs luto e seus filhos a acompanharam e providenciaram tudo o que era necessário, além de ajudar a receber todas as visitas que chegaram de muito longe para despedirem-se efusivamente de Clarissa: o assaltante, a Senhora, Diego Cienfuegos, e toda a multidão que a conhecia e a considerava santa.

Quando já havia despedido-se de todos e de cada um dos que haviam sido parte de sua vida, Clarisa morre. É a ditadura que morre personificada por Clarissa.

É importante dizer que este conto não está situado num lugar específico, nem suas personagens são oriundas de algum lugar. Este conto é reflexo da sociedade latino-americana.

1.5 “LO MÁS OLVIDADO DEL OLVIDO”

Este conto recria os sentimentos das personagens que foram torturadas por Pinochet e suas seqüelas e que seguem com vida; para tal revivem uma outra vez o que desejariam esquecer para sempre. Tanto é o medo que guardam em seu interior, que nem sequer são capazes de falar do tema, porque esse tormento não pára de rondar-lhes pela mente. A lembrança da tortura os faz impossibilitados de manter uma relação amorosa, já que se vêem continuamente atormentados por suas lembranças: por tudo que sofreram, os gritos dos companheiros, as cicatrizes que permanecem em seus corpos e almas por causa da tortura sofrida.

É uma amostra do que resta, ainda vivo, do período ditatorial, de quem conseguiu sair vivo de toda a barbárie. Vivo porém corporeamente, pois seu interior ainda continua preso, sofrendo, isto se já nao foi morto. Aí apresenta-se o realismo maravilhoso, a morte aparente, a pessoa está viva e morta ao mesmo tempo. Enquanto vivo, tem necessidade de amar e satisfazer seus ímpetos, mas seu lado morto não permite a consumação do ato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem, absorvido pelos acontecimentos ao seu redor, torna-se um ser miserável cheio de ânsias e frustrações. A literatura de Isabel Allende, mais precisamente na obra “Cuentos de Eva Luna”, apresenta as experiências e conseqüências da ditadura militar nas pessoas, como uma via de introspecção, uma oportunidade de refletir sobre si mesmo e encontrar um caminho que conduza ao encontro com seu verdadeiro ser, ou ao menos amenizar as profundas cicatrizes causadas pelos horrores vivenciados.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, I. **Cuentos de Eva Luna**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **La autora**. Disponível em

<<http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/allende/>>. Acesso em 19 de novembro de 2006.

_____. **Biografia**. Disponível em < <http://www.isabelallende.com>>. Acesso em 15 de maio de 2007.

ARNS, P.E. **Brasil nunca mais**: Um relato para a história. Editora Vozes, São Paulo, 2003

CHIAMPI, I. **O realismo maravilhoso**. Perspectiva, Sao Paulo, 1980.

COGGIOLA, O. **Governos militares na América Latina**. Contexto. São Paulo, 2001.

CORTÁZAR, J. **Obra crítica/2**. (edição de Jaime Alazraki). Madrid: Alfaguara, 1994.

D'ONOFRIO, S. **Literatura Ocidental – Autores e obras fundamentais**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000.

EMÉRICO, N. **O manual dos inquisidores**. Edições Afrodite. Lisboa, 1972

FERRARI, A. J. Literatura Hispano-Americana. União da Vitória, in: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras, 18 e 25 de novembro de 2006 e 02 de dezembro de 2006, Aula expositiva do curso de Pós-Graduação, anotações e power points.

GARCÍA, P. **El drama de la autonomía militar**. Editorial Alianza. Madrid 1995.

JOZEF, B. **Romance hispano-americano**. São Paulo. Ática, 1986.

KOTHE, F. R. **A alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

LABRA, M.E. **Política e saúde no Chile e no Brasil. Contribuições para uma comparação.** Ciênc. saúde coletiva vol.6 no.2 Rio de Janeiro 2001. DISPONIVEL EM: <http://www.scielo.br/scielo..> Acessado em 06/10/2007.

O LEME. **Isabel Allende.** Disponível em <<http://www.leme.pt/biografias/chile/letras/allende.html>>. Acesso em 12 de julho de 2007.

PEDROSA, J.F.M. **A grande barreira.** Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1998.

RODRIGUES, S. C. **O fantástico.** Atica, Sao Paulo, 1988

ROUQUIÉ, A. O estado militar na América Latina. Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1984.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos.** Perspectiva, Sao Paulo, 1978.

UREÑA, P.H. **Las corrientes literarias en la América Hispânica.** México- Buenos Aires. Fondo de Cultura Econômica, 1946.

WIKIPÈDIA. **Isabel Allende.** Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_Allende> Acesso em 12 de julho de 2007.

<<http://januarymagazine.com/profiles/allende.html>> Acesso em 02 de dezembro de 2006.

<<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u198.jhtm>> Acesso em 02 de dezembro de 2006.